

O Ateneu

Raul Pompéia

VIDA

RAUL D'ÁVILA POMPEIA nasceu em 12 de abril de 1863 em Jacuacanga, Angra dos Reis, estado do Rio de Janeiro, e suicidou-se a 25 de dezembro de 1895 no Rio de Janeiro. Aos 10 anos entrou para o Colégio Abílio, como interno, onde acumulou sofrida experiência que motivaria mais tarde o seu singular e importante romance "O Ateneu".

Fez seus estudos de humanidades no colégio D. Pedro II, diplomando-se em 1880. Iniciando o curso acadêmico na Faculdade de Direito de São Paulo ultimou-o em 1866 na Faculdade de Direito do Recife, Estado de Pernambuco. Desde muito cedo emprestou a sua fecunda e valiosa colaboração a vários órgãos da imprensa nacional. Incansável trabalhador, exerceu na sua vida prática, as funções de diretor do Departamento de Estatística do Rio de Janeiro, do "Diário Oficial" da Biblioteca Nacional e secretário da Escola Nacional de Belas Artes.

É patrono da cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras, escolhido pelo sócio fundador Domicio da Gama. Aos 17 anos de idade, já se revelara um escritor de qualidades promissoras com a publicação do seu livro de estréia "Uma Tragédia no Amazonas". Nesse mesmo ano apareceu "Pompeu Stell", 1880, seguindo-se "Canções Sem Metro" 1881, imitação dos poemas em prosa de Baudelaire; "O Ateneu", 1888, escrito em três meses, estudo psicológico de alto valor imaginativo finamente ilustrado pelo próprio autor é considerado sua obra-prima; "As Jóias da Coroa" e "Agonia", romances, este último não concluído, e inúmeros contos, crônicas, folhetins, artigos de crítica, etc., esparsos em jornais e revistas. Prefaciou ainda as "Festas Nacionais" de Rodrigo Octavio.

Neurastênico, de sensibilidade mórbida, acabou suicidando-se aos 32 anos, no dia de Natal. Artista exigente da escrita, disso resultou tornar-se um dos maiores estilistas da língua Portuguesa.

De gênio essencialmente artístico cultivou também o desenho, a pintura e a escultura. Batalhou sistemática e ardorosamente pela abolição da escravatura e pela causa republicana.

Estilista vibrátil e consciencioso, Raul Pompéia ocupa um lugar de proeminente destaque na literatura brasileira.

Autor de um livro que marca um dos mais altos e belos instantes da literatura brasileira - "O Ateneu". Escrito quando o autor contava apenas 25 anos de Idade, esse romance que se passa todo em um colégio de meninos, é um mergulho profundo na psicologia da alma Infantil, ao mesmo tempo que faz uma crítica ao sistema de educação então vigente nos internatos.

"O Ateneu" é considerado o seu melhor trabalho literário. Nele, mostra-se um excelente Impressionista, só comparável a Aluísio Azevedo. De fato a sua técnica é simbolista, pela preocupação com a cor, e outros aspectos plásticos. No tema, porém, poderia em pequeno grau ser tido como realista, se bem que já possa ser visto como precursor dos modernos, pela sua concepção de romance. Sua obra revela originalidade e inquietação. É de estilo simples e correto. Em "O Ateneu" faz crítica severa e satírica ao regime de internatos, que procuravam dar uma formação errônea aos jovens, tanto no que tange à formação cultural, como social e psicológica.



Caricatura de Raul Pompéia

RESUMO

Em O Ateneu, Sérgio, narrador e personagem principal, relata, num tom de pessimismo, os dois anos vividos no Ateneu, um internato para meninos. A excelência da escola, dirigida pelo severo pedagogo Aristarco Argolo de Ramos, no Rio de Janeiro, era conhecida nacionalmente. Por isso, tinha em suas classes alunos provenientes de respeitáveis famílias cariocas e também de outros estados.

No início do ano letivo, Sérgio, então com 11 anos de idade, chega ao colégio pelas mãos do pai que, profeticamente, lhe diz: "Vais encontrar o mundo (...). Coragem para a luta". Quando o pai vai embora, deixando-o só, ele chora. Criança que, até então, vivera sob o doce aconchego do amparo familiar, Sérgio logo vivenciará o verdadeiro significado da premonição paterna, percebendo que por trás da nobre pedagogia e da pompa dos dias de festa - ele o visitara em dois desses dias -, existia um mundo hostil, hipócrita e egoísta.

O edifício do Ateneu era fechado e triste, apesar da natureza verdejante ao redor. Logo no início das aulas, o professor Mânlio recomenda Sérgio a Rebelo, o mais sério de seus alunos, que o adverte da necessidade de ser homem e forte ali, e, para tanto, Sérgio deveria começar não admitindo protetores. Os meninos tímidos e ingênuos eram automaticamente colocados no grupo dos fracos, sendo então dominados, pervertidos como meninas ao desamparo, que precisavam de "protetores" - meninos fisicamente fortes que protegiam os mais fracos em troca, principalmente, de favores sexuais.

Os colegas de classe, cerca de vinte tipos divertidos, são descritos como deprimentes. Franco, menino pobre, agressivo e problemático, era considerado por todos o bode expiatório, sendo por isso alvo de severas punições. Barbalho, de cara amarela, olhos vinhosos e gordura balofa, sentava-se no fundo, e, sempre que possível, com um riso cínico, fazia chacota de Sérgio que, um dia, não suportando mais, rolou com ele em uma briga feroz. Outra fonte de constrangimento explícito, no Ateneu, era a leitura das notas todas as manhãs por Aristarco que, com veemência, enaltecia os mais fortes e, sem piedade, desmoralizava os mais fracos.

No quintal do Ateneu havia uma piscina, "vasta toalha d'água ao rés da terra", escoando para o Rio Comprido. Ali, no calor, em meio a uma grande algazarra e alegria, os meninos se banhavam. Um dia, alguém, talvez o próprio Sanches, para se aproximar de Sérgio, puxa-o, maldosamente, pelas pernas, fazendo-o afundar e se afogar. Sanches o salva, a partir de então, devendo-lhe a vida, demonstra toda gratidão para com ele.

Angustiado e acovardado, Sérgio indaga qual o seu destino "naquela sociedade que o Rebelo

descrevera horrorizado, com meias frases de mistério, suscitando temores indefinidos, recomendando energia, como se coleguismo fosse hostilidade". Rompendo com a decisão de não admitir para si um "protetor", passa a desejar que alguém o socorra, e o inteligente Sanches desempenhará esse papel. Primeiro aluno da classe, além de proteção, o auxilia nos estudos, que passa a demonstrar melhoras no rendimento escolar. Apesar de amigos, Sérgio sente um certo asco pelo jeito pegajoso do companheiro que tenta mais e mais se encostar nele. Um dia, não agüentando mais as pressões sexuais de Sanches, o menino se afasta.

Após o susto da piscina e o rompimento com Sanches, Sérgio vivencia um período místico muito pessoal. Santa Rosália, cuja gravura em cartão traz dentro da blusa de brim, em santo contato, torna-se sua padroeira mor. Além da religião, busca também consolo nos astros. Adora as aulas noturnas de Astronomia de Aristarco.

Nesse período, o traço marginal de Franco também o atrai, aproximando-se dele acaba participando de uma traquinagem sórdida. Para vingar-se da punição recebida no caso da urina na bomba do poço e, conseqüentemente, na água de lavar pratos, Franco convida Sérgio para irem aos arredores da escola, onde juntaram algumas garrafas velhas que trouxeram até a piscina. Ali Franco quebrou-as e jogou os cacos no tanque para que todos se machucassem no dia seguinte. No desespero, atormentado pelo remorso e pela cumplicidade, Sérgio perde o sono e se põe a rezar freneticamente para sua padroeira na capela, onde adormece rezando. Por um feliz acaso, no dia seguinte, o tanque foi esvaziado e os meninos se banharam no chuveiro.

Após este acontecimento, o garoto passa ver a religião de outra maneira. Conclui que o misticismo estava degradando-o e "a convivência fácil com o Franco era a prova". Para ele nada era mais melancólico que a morte certa, o inferno para sempre, juízo final rigoroso. Rebaixando a função de Santa Rosália para uma mera marcadora de livros, leva o cartão à sala de estudos e coloca-o entre as páginas de um livro. Pouco tempo depois, ele desaparece. Sérgio acredita que algum apaixonado por gravuras a levara. Nesse período, graças à intervenção discreta do pai a seu favor, as condições no colégio melhoram para ele. Mais confiante, passa

a olhar os inimigos de cima.

Funda-se no colégio o Grêmio Literário Amor ao Saber para exercício da retórica. Ali Nearco da Fonseca, aluno novo, que nos esportes era um fracasso, revela-se excelente orador. Bento Alves, rapaz bom, forte e misterioso, é o bibliotecário do Grêmio. Torna-se conhecido e respeitado por ter segurado o assassino de um dos funcionários da escola. O crime foi passional e Ângela, camareira da esposa do diretor, tinha sido a causa. Nas reuniões, Sérgio aproxima-se do bibliotecário, e logo se tornam companheiros, vendo seu relacionamento dessa forma: "estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque me podia valer; porque me respeitava, quase tímido, como se não tivesse ânimo de ser amigo".

Barbalho, inimigo antigo de Sérgio, estava de olho nas gentilezas e olhares afetuosos entre Bento e o novo amigo. Conta o que vê a Malheiro, para que este, rival de Bento Alves, provoque-o. Em meio a uma sessão solene do Grêmio, Bento Alves e Malheiro brigam violentamente. Malheiro toma uma surra, Bento Alves é preso e Sérgio, sem favores sexuais, aceita melhor o papel de "dama romântica", mergulhada no desespero.

Um pouco antes de terminar o ano, o Ateneu era um tédio. Terminam as provas, nas quais Sérgio se sai bem, e finalmente chegam as férias. Nesses dois meses, o menino reflete sobre o mundo exterior, sobre o trabalho do tempo e, ao voltar, sente-se mais presidiário do que nunca. As excursões do internato ao Corcovado e ao Jardim Botânico eram momentos de festa, alegria e liberdade temporária.

Nessa volta, o comportamento de Bento muda. Assim que vê o amigo, passa a agredi-lo. Em luta feroz, rolam no vão da escada, sem perceber a presença de Aristarco. Sem ligar muito, o diretor silencia sobre o que vira. Bento Alves acaba saindo do Ateneu.

Um pequeno escândalo acontece no colégio, dois garotos estão namorando, e Aristarco, que tinha a carta amorosa de ambos, arma um clima de terror e medo entre os alunos. Além disso, estoura mais uma celeuma; "a revolta da falsa goiabada". Aristarco, empresário frio e ambicioso, teve que se desculpar, porque os meninos tinham razão; estavam comendo "goiabada de banana" há três meses, e a "paz" volta a reinar.

Sérgio consegue uma nova e verdadeira amizade. Egbert é um formoso garoto de origem inglesa. Tudo nele causa admiração: do coração à correção das formas. Passam a fazer tudo juntos; eram inseparáveis. Graças às boas notas obtidas, como prêmio, os amigos recebem um convite para jantar na casa do diretor, e Sérgio volta totalmente encantado por Dona Ema, a mulher de Aristarco. Esta, que até então era algo distante e motivo de boatos entre os alunos, surge nos seus sonhos como uma imagem ambígua, misto de "mãe" e "mulher". Algo ocorre em seu íntimo também; passa a perceber Egbert como uma recordação distante. A amizade e o elo fraternal entre os dois começam a esfriar.

A mudança para o dormitório dos maiores o afasta ainda mais de Egbert. A camareira Ângela desperta nele e nos outros meninos uma incontrolável sensualidade. Lembrando-se de Franco, Sérgio vai visitá-lo. Encontra-o doente, com febre após sua última prisão; expusera-se propositalmente ao sereno. Diz que não é nada; um dia sem condições para se levantar, recebe a visita do médico duas vezes. Morre, alguns dias depois. Ao desmancharem a cama, cai dos lençóis um cartão: uma gravura de Santa Rosália; a padroeira desaparecida.

A preparação das solenidades de fim de ano ocupa a todos. A festividade conta com a presença de figuras de vulto da cidade. Entre elas: a princesa Regente e o Ministro do Império. Aristarco discursa empolgado e, após a entrega das medalhas e menções honrosas, é homenageado com o seu busto em bronze.

Logo depois da festa de educação física, Sérgio adocece; esta com sarampo. Devido a isso e à enfermidade do pai que viajara com toda a família para a Europa, tem de ficar na enfermaria da escola no período de férias. Sob os cuidados de Dona Ema, um clima de doçura, amor maternal, amor filial, erotismo paira sobre eles, intensificando seus conflitos internos.

Um grito faz Sérgio estremecer no leito e escancarar a janela; o Ateneu está em chamas. Américo, um menino estranho, que ficara na escola, obrigado pela família e que sumira dali, é o principal suspeito do incêndio. Desaparecera também a senhora do diretor que, desconsolado, presencia tristemente sua obra sucumbir.

ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA

1) Embora nem tudo em O Ateneu possa ser comprovado na realidade, pois o autor mistura o real com a ficção, pode-se dizer que o romance tem muito de autobiográfico, retratando a passagem do autor pelo Colégio Abílio. Algumas identificações são possíveis:

- a) O Ateneu = Colégio Abílio;
- b) Sérgio = Raul Pompéia (adolescente);
- c) Dr. Cláudio = Raul Pompéia (adulto);
- d) Dr. Aristarco = D. Abílio Borges.

2) Como é próprio desse tipo de narrativa (com traços autobiográficos), o livro é narrado em primeira pessoa. É interessante observar que o romance se inicia com o protagonista penetrando, por uma porta, no mundo que ele vai descrever. Fechada a porta e aprisionado nas muralhas do Ateneu, o narrador vai expondo as mazelas desse mundo e como que se libertando dessas muralhas que o oprimiam.

A primeira pessoa, pois, não só está coerente com o caráter autobiográfico do romance, como também situa o narrador dentro do universo apresentado. A partir daí, o autor faz análise profunda e dessecante, revelando as estranhas desse universo focalizado.

3) Raul Pompéia se revela no livro através de Sérgio, que pode ser visto de duas perspectivas: Sérgio-protagonista (o adolescente que vive a ação do romance) e Sérgio-narrador que reflete bem o adulto Raul Pompéia que, na verdade, está escrevendo o romance.

Pode-se falar ainda, numa terceira presença de Raul Pompéia no livro, revelada pelo Dr. Cláudio, que se mostra maduro, grave, ponderado e lúcido.

4) Embora tenha sido rotulado de “crônica de saudades” e apresente traços autobiográficos, O Ateneu não é um livro de memórias, mas um romance, em que o autor “manipula o seu material pela imaginação, misturando o real com a ficção”. Como narrativa, enquadra-se no gênero épico, mas a profunda introspecção que perpassa a obra aproxima-se do lírico.

PERSONAGENS

1) Sérgio: Segundo já ficou observado, Sérgio pode ser visto de dois ângulos: como protagonista, é um adolescente inexperiente e

tímido que é conduzido pelas mãos do pai para fazer a sua iniciação na escola da vida. À medida que vai crescendo dentro do mundo sombrio do internato (e da vida), vai-se tornando amargo, céptico e sarcástico: agora é o adulto Raul Pompéia quem certamente fala pelo protagonista-narrador. Sérgio é bem um símbolo do adolescente às voltas com o doloroso aprendizado da vida; é a criança perdendo a sua pureza virginal, fazendo a sua iniciação no mundo podre e carcomido de hipocrisia dos adultos.

2) Aristarco: Etimologicamente, o seu nome significa “governante de melhores”. Revela-se, ao longo do livro, prepotente, autoritário, arrogante e vaidoso. Representa bem o educador tradicional com seus métodos rígidos de disciplinas e com sua empáfia: “Acima de Aristarco, Deus. Deus tão-somente; abaixo de Deus, Aristarco”. Aristarco, sem dúvida, representa bem, com seu colégio, o mundo social com seus valores, bajulações, discriminações e convenções. Afinal, o internato era um espelho da sociedade.

3) Ema: Pode ser vista de dois ângulos: anagrama de mãe, na qual o protagonista projeta a figura de sua genitora com o seu carinho, sua compreensão e a sua ternura; e mulher, evocada pela protagonista de Madame Bovary, de Flaubert, cujo nome é também Ema. Ao contrário da revelação marcada pelo ódio com Aristarco, “Sérgio e Ema constituem a história de amor do romance”. O relacionamento de Sérgio com ela é ambíguo, indo do maternal ao erótico, como declara: “Não! Eu não amara nunca assim minha mãe”. Representando bem a decadência moral que se quer mostrar, destacam-se Venâncio, subserviente e bajulador de Aristarco; Ângela, a canarina sensual, que costumava assistir ao banho dos rapazes; e os colegas de Sérgio com os quais o protagonista mantém um relacionamento bastante estreito e íntimo: Sanches, Bento Alves e Egbert e ainda Franco, mau aluno, perseguido, vítima de discriminações, e América, o incendiário.

Ângela: É uma empregada do colégio, “Grande, carnuda, sangüínea e ferosa” – é a materialização do sexo e da classe social inferior a serviço, quer no plano do trabalho ou no da sexualidade, de uma sociedade mais elevada. Embora seja bela, torna-se o símbolo do mal.

Os colegas: São apresentados como tipos, personagens nas quais se fixam características

específicas que as definem. São personagens planas com comportamentos previsíveis.

Egbert: Um verdadeiro amigo: "Conheci pela primeira vez a amizade", "a ternura de irmão mais velho", disse Sérgio.

Rebello: É o aluno modelo, exemplar, para o qual todos os demais são inferiores e sem importância.

Franco: É a vítima, o mártir, o alvo sobre o qual se descarrega toda a violência do internato, "a humildade vencida", "não ria nunca, sorria", "vivia isolado...".

Sanches: É o sedutor, que oferece proteção aos meninos novos e indefesos e ainda os ajuda nos estudos. Salva Sérgio de um afogamento na piscina, talvez, provocado pelo próprio Sanches, insinua o narrador, Sérgio se refere ao amigo dizendo "ele me provocava repugnância de gosma". "Sanches foi se aproximando. Encostava-se, depois, muito a mim. Fechava o livro dele e lia no meu, bafejando-me o rosto com uma respiração de cansaço. "Aquele sujeito queria tratar-me definitivamente como um bebê" - "Notei que ele variava de atitude quando um inspetor mostrava a cabeça à entrada da sala..." - "Sanches esteve pio... Tive medo de perdê-lo. Deu-me as lições sem uma só das intragáveis ternuras." - "Sanches passou a ser um desconhecido".

Bento Alves: "estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque me podia valer; porque me respeitava, quase tímido, como se não tivesse ânimo de ser amigo."

Barreto: É um aluno, fanático religioso.

Rômulo: É o "Mestre Cook", por causa de sua paixão por comida.

ESTILO DE ÉPOCA

Em o Ateneu, podem-se detectar aspectos de vários estilos de época, desde o Naturalismo até o Modernismo.

1) Para Mário de Andrade, "O Ateneu representa um dos aspectos mais altos do Naturalismo brasileiro". Sem dúvida, o estilo naturalista se manifesta no livro através das descrições de Ângela e na abordagem do homossexualismo que

se pode entrever nas relações de Sérgio com Sanches, Bento Alves e Egbert. Muitas vezes, as personagens são descritas nos seus aspectos bestiais e animais, priorizando-se o seu lado instintivo, como é comum no Naturalismo.

Veja, por exemplo, a passagem abaixo, em que o narrador (Sérgio) declara:

"A amizade de Bento Alves por mim, e a que nutri por ele, me faz pensar que, mesmo sem o caráter de abatimento que tanto indignava ao Rebello, certa efeminação pode existir como um período de constituição moral. Estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque me podia valer; porque me respeitava." (Cap VI)

2) Além desses aspectos visivelmente naturalistas, sobressaem na obra outros que filiam ao estilo realista. Como se pode perceber pela leitura de O Ateneu, Raul Pompéia tende para a crítica ferina e caricatural de pessoas e instituições sociais; revela um pessimismo cético na visão da sociedade; manifesta maior preocupação com a análise em detrimento do enredo, razão por que a narrativa é arrastada, anda devagar; em suma, priorizando a análise dessecante e profunda, o autor revela forte carga psicológica na descrição das personagens.

Esses aspectos citados, como se sabe, configuram o Realismo e estão bem presentes em O Ateneu. Como exemplo, veja-se a visão de escola que o autor apresenta, com base no Ateneu, onde tudo é visto negativamente. A escola apresenta por Pompéia é um verdadeiro antro de perdição, onde campeia a bajulação, a vaidade, a discriminação, as injustiças, a corrupção, as amizades perigosas... Como diz o autor, "não é o internato que faz a sociedade; o internato a reflete". Quem chegou a ver os filmes "Perfume de Mulher" e "Sociedade dos Poetas Mortos" certamente dará razão ao romancista.

3) Para Afrânio Coutinho, Raul Pompéia, após ter passado pelo Realismo-Naturalismo, "só encontrou plena e satisfatória expressão dentro dos cânones do Impressionismo", tendo tido a nossa "primeira grande repercussão" nesse estilo de época, que se destaca mais na pintura. Segundo o mesmo Afrânio Coutinho, "o mais importante no Impressionismo é o instantâneo e único, tal como aparece ao olho do observador. Não é o objeto, mas as sensações e emoções que ele desperta, num dado instante, no espírito do observador, que é por ele reproduzido caprichosa

e vagamente”. No Impressionismo, pois, o que importa são as impressões, as sensações que ficam, não os fatos acontecidos: “no las cosas, sino la sensación de las cosas”.

Em *O Ateneu*, é aspecto preponderante a sensação visual, olfativa e auditiva. Como observa o conhecido Prof. Luís Carlos Maciel “em vez da relação causal exterior entre indivíduos e acontecimentos, o que importa é a relação interna evocada na mente do artista (...) É a vida interior em todos os seus mais requintados matizes que lhe interessa retratar através de uma linguagem expressiva, colorida, sonora, rica de imagens, onde sentimentos e sensações suplantam os aspectos intelectuais”. Como se vê, o Impressionismo aproxima-se do Simbolismo e pode bem ser entendido como uma versão em prosa da estética simbolista.

4) Outra tendência estilística que pode ser detectada em *O Ateneu* é a modernista que se manifesta através da postura crítica assumida pelo autor, ao longo da obra. Com efeito, embora o seu estilo seja de feição acadêmica, o autor critica e satiriza, como é comum no Modernismo, o tom retórico e verbalista da poesia parnasiana. Veja, por exemplo, a passagem abaixo em que o autor apresenta de forma caricatural o Dr. Ícaro do Nascimento:

“Dentre as suíças, como um gorjeio do bosque, saía um belo nariz alexandrino de dois hemistíquios, artisticamente longo, disfarçando o cavalete da cesura, tal qual os da última moda do Parnaso. À raiz do poético apêndice brilhavam dois olhos vivíssimos, redondos, de coruja, como os de Minerva. Tão vivos ao fundo das órbitas cavas, que bem se percebia ali como deve brilhar o fundo na fisionomia da estrofe”. Dessa forma, com sua genialidade, Raul Pompéia antecipa o Modernismo, podendo ser visto como um dos precursores do movimento que eclodiu em 1922, com a famosa Semana da Arte Moderna.

TEMPO

O tempo cronológico não supera dois anos, que vão desde a entrada de Sérgio no colégio até o incêndio que o destrói totalmente, por volta da última década do séc. XIX. Predomina, assim, o chamado tempo psicológico por ser um romance de memória em que fatos e pessoas vêm a tona da consciência conforme sua importância no

momento da narração. Esta é feita basicamente por meio de flash back, tornando visível o que era invisível, porém, de forma bastante tênue, sem intensidade, marcada apenas pela impressão sensorial.

ESPAÇO

O colégio localizava-se na cidade do Rio de Janeiro. “O Ateneu, quarenta janelas, resplendentes do gás interior, dava-se ares de encantamento com a iluminação de fora...” Figurativamente podemos enquadrá-lo entre dois mundos: a família e a sociedade.

FOCO NARRATIVO

É uma narrativa de confissão, narrada em 1ª pessoa por Sérgio (personagem-narrador). A obra é memorialista, seu narrador, Sérgio, apresenta suas memórias de infância e adolescência num colégio interno chamado Ateneu. Assim, o foco narrativo em primeira pessoa impede a tão valorizada objetividade e imparcialidade do Realismo-Naturalismo.

Sérgio é o alter-ego, ou seja, um outro “eu” de Raul Pompéia. Em outras palavras, o narrador recebe a personalidade e também as memórias do autor, já que este também estudou num internato, o Colégio Abílio, do Rio de Janeiro. Mais uma vez, carrega-se nas tintas do pessoalismo.

CLASSIFICAÇÃO PROBLEMÁTICA

Há uma superposição de diversos estilos, que torna problemático vincularmos *O Ateneu* a uma determinada corrente estética. Assim, podemos identificar no livro elementos expressionistas, impressionistas, naturalistas, simbolistas e parnasianos.

Os elementos expressionistas estão na descrição, através de símiles exagerados, dos ambientes e pessoas, compondo “quadros” de muita riqueza plástica, especialmente visual, e desnudando de forma cruel os lugares, colegas, professores etc. A frase transmite grande carga emocional. O estilo é nervoso, ágil. A redução das personagens a caricaturas grotescas parece proveniente da intenção de deformar, de exagerar, como se Raul Pompéia estivesse “vingando-se” de tudo e de todos.

As mangueiras, como intermináveis serpentes, insinuavam-se pelo chão. (...)

As crianças, seguindo em grupos atropelados, como carneiros para a matança. (...)

Os companheiros de classe eram cerca de vinte; uma variedade de tipos que me divertia, O Gualtério, miúdo, redondo de costas, cabelos revoltos, motilidade brusca e caretas de símio - palhaço dos outros, como dizia o professor; o Nascimento, o bicança, alongado por um modelo geral de pelicano, nariz esbelto, curvo e largo como uma foice; (...) o Negrão, de ventas acesas, lábios inquietos, fisionomia agreste de cabra, canhoto e anguloso...

Os elementos impressionistas evidenciam-se no trabalho da memória como fio condutor. O passado é recriado por meio de “manchas” de recordação, - daí a existência de um certo esfumamento da realidade, pois o internato é reconstituído por meio das impressões, mais subjetivas que objetivas, eivadas de um espírito de vingança, sofrimento e autopunição. Há quem, por isso, rotule O Ateneu de romance impressionista.

Os elementos naturalistas decorrem da concepção instintiva e animalesca das personagens, cujo comportamento é determinado pela sexualidade, condição social etc. Há um certo gosto “naturalista” pelas “perversões”. É o que ocorre nas descrições de Ângela e na tensão de homossexualismo que existe nas relações de Sérgio com Sanches, Bento Alves e Egbert. Mas é um naturalismo dissidente, que nada tem a ver com o apriorismo, ou com o esquematismo, característicos dessa corrente. O doutor Cláudio, conferencista que algumas vezes pontifica no internato, e que exterioriza algumas idéias artísticas do próprio Raul Pompéia, define a arte como o processo subjetivo da “evolução secular do instinto da espécie”.

Seria possível rastrear em O Ateneu aproximações também com o Parnasianismo, com o Simbolismo e, até, antecipações modernistas.

UMA ANTECIPAÇÃO DE FREUD

Freud afirmara que os escritores há muito conheciam e aplicavam em sua arte os mecanismos do inconsciente. Raul Pompéia

transpôs as projeções do inconsciente, trabalhando com reminiscências traumáticas de sua adolescência. Faz, a seu modo, um regresso “psicanalítico” às fontes primeiras de suas cicatrizes.

Mas as aproximações com a teoria freudiana não se esgotam aí. Pode-se rastrear na personalidade de Sérgio as marcas profundas do complexo de Édipo mal resolvido (o pai castrante odiado e a projeção da relação pai / filho na recusa à autoridade de Aristarco; a projeção das relações com a mãe, na figura de Dona Ema etc.).

O componente sexual é o traço mais valorizado na personalidade dos adolescentes do internato, divididos em “machos” e “fêmeas”, em dominadores e dominados. Observe o que diz o narrador em relação ao seu colega Bento Alves:

“Estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque me podia valer, porque me respeitava, quase tímido, como se não tivesse ânimo de ser amigo. Para me fitar esperava que eu tirasse dele os meus olhos.”

Ou ainda, em relação ao assédio do mesmo Bento Alves:

“O meu bom amigo, exagerado em mostrar-se melhor sempre receoso de importunar-me com uma manifestação mais viva, inventava cada dia nova surpresa e agrado. (...) Um dia, abrindo pela manhã a estante numerada do salão do estudo, achei a imprudência de um ramallete. (...) Acaricieei as flores, muito agradecido, e escondi-as antes que vissem.”

O INTERNATO COMO MICROCOSMO

Raul Pompéia projeta no internato toda a problemática do mundo adulto. O “Ateneu” é uma redução, em escala, da visão que o autor tinha da sociedade como um todo. O móvel das ações de Aristarco era o dinheiro, e os alunos eram tratados pelo diretor, conforme o segmento social a que pertenciam seus pais.

LINGUAGEM

1) Como é próprio da época em que se enquadra Raul Pompéia a linguagem se revela acadêmica, marcada pela correção e obediência aos padrões gramaticais. É uma língua distante do leitor

moderno, mais afeito aos coloquialismos e à linguagem informal do estilo modernista. Além de outras, o autor usa, com frequência, construções clássicas, hoje pouco comuns, como a colocação apossinclítica do pronome (uso do pronome átono antes de palavra tida como atrativa): “disse que me não interessavam as intrigas”.

2) Mais ou menos nessa linha, destaca-se a erudição do autor revelada através de citações e referências clássicas, a que o leitor de hoje está pouco acostumado. Veja, por exemplo, a passagem abaixo, em que o autor perpassa o exceto de figuras mitológicas: “Era mais que uma revelação temerosa do Olimpo; era como se Júpiter mandasse Mercúrio catar à terra os raios já disparados e os unisse ao estoque inavaliável dos arsenais do Etna...”

3) Outro aspecto notório do estilo de Raul Pompéia é a tendência para a adjetivação excessiva, que se casa bem com a atmosfera pictórica de feição impressionista que perpassa o livro. Quase sempre o substantivo vem acompanhado de adjetivo, como revelam os excertos seguintes: “Ele, como um deus caipora, triste, sobre o desastre universal de sua obra”. “Erigia-se na escuridão da noite como imensa muralha de coral flamante, como um cenário animado de safira com horripilações errantes, de sombra, como um castelo fantasma batido de luar verde emprestado à selva imensa dos romances cavalheirescos”.

4) Como já se entreviu pelas passagens transcritas, outra tendência estilística do autor é para o símile (= comparação), explicitada pela conjunção “como”, que Mario de Andrade classificou de “mero cacoete retórico”: “No pátio o silêncio dormia ao sol como um lagarto”: “As condecorações gritavam-lhe no peito como uma couraça de gritos”: “As mangueiras, como intermináveis serpentes, insinuavam-se pelo chão”.

5) Além do símile, o autor faz uso também, com muita frequência, de outras figuras de estilo, como a hipérbole e a metáfora: “Aristarco arrebatava de júbilo!” (hipérbole); “O Ateneu é uma sementeira uma horta” (metáfora); “Um olhar penetrante, adorador, de enlevo, que subia, que furava o céu como a extrema agulha de um templo gótico” (hipérbole e símile).

6) Conforme já observamos outro aspecto que se destaca no estilo de Pompéia e combina a atmosfera impressionista é o cromatismo (obsessão pela cor), ora tendendo para o vermelho (“há sons brilhantes como a luz vermelha”, “trazia um ferro na mão gotejando vermelho”); ora para o branco (“ao fundo daquelas altíssimas paredes do Ateneu, claras da caiação, do tédio, claras, cada vez mais claras”).

Como observa o Prof. Luiz Carlos Maciel, “enquanto Machado de Assis ou Euclides da Cunha são prosadores em preto-e-branco, ou em cores frias, Raul Pompéia revela, de certo como ninguém, em nossas letras, o sentimento da cor luminosa e viva e a adesão à claridade”

ASPECTOS TEMÁTICOS MARCANTES

1) A narrativa de O Ateneu é dominada por traços satíricos e caricaturescos. É com essa visão amarga e caricatural que o narrador vê o mundo retratado: a escola, os colegas, os professores, as instituições sociais. O retrato maior, entretanto, é o de Aristarco, o diretor, fulminado, no final do livro, pelo incêndio devorador, que destrói a sua arrogância, a sua vaidade e a sua empáfia.

A análise empreendida pelo autor é profunda e dissecante – vem de dentro, das entranhas. O Ateneu, o microcosmo apresentado, é bem um retrato da sociedade. Como se viu, é um mundo que se revela podre por dentro, carcomido nas suas entranhas pelo cancro da hipocrisia e do apego às aparências. O livro de Raul Pompéia é uma crítica às instituições humanas, destruídas de valor e mascaradas por superficialidades.

2) A escola, em O Ateneu, é vista como um reflexo da sociedade, conforme já ficou observado neste trabalho (“Não é o internato que faz a sociedade; o internato a reflete”). Nela sobressaem os casos de corrupção, deslealdade, amizades perigosas, homossexualismo e outras degenerescências sociais.

Esse antro de perdição, contudo, vem mascarado por aparências e exterioridades que camuflam a verdade. Desviada da sua verdadeira função – formar e instruir – a escola acaba-se tornando um meio de se exteriorizar a vaidade e a empáfia daqueles que detêm o poder, como nos filmes criados neste estudo – “Sociedade dos Poetas Mortos” e “Perfume de Mulher”.

3) Por outro lado, O Ateneu mostra o doloroso e pungente aprendizado da vida pela criança. A

cena inicial, em que o pai deixa o filho à porta do Ateneu, é um símbolo do ingresso da criança no mundo adulto: “Vais encontrar, disse-me meu pai à porta do Ateneu, coragem para a luta”.

Assim, arrebatada da “estufa de carinho que é o regime do amor doméstico”, a criança se vê frágil e indefesa diante das hostilidades do mundo, à mercê de “educadores” que lhe impõem a camisa-de-forma das convenções sócias, marcadas pela mentira e superficialidade. Violentada, desses embates quase sempre restam lágrimas, dor e sofrimento.

4) Dessa forma, o sentimento de vingança acaba-se instalando, sub-repticiamente, nas cabeças em formação. A necessidade de libertação desse mundo de opressão, que rouba a liberdade de ação e a espontaneidade dos gestos, é uma consequência natural e lógica: a catarse é uma válvula que descomprime, liberta e alivia.

E é assim que termina O Ateneu – com vingança do ser violentado contra o mundo que o oprime: o incêndio, ao final, é bem um protesto contra a violência a hipocrisia e esse mundo de aparências construído pelos homens da Terra.

QUESTÕES SOBRE A OBRA

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

(Pucsp) "Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta."

Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Raul Pompéia

1. O trecho acima é o início do romance O ATENEU, de Raul Pompéia. Considerando esta obra como um todo, constatamos nela uma perfeita correspondência entre a sociedade do Ateneu e a sociedade de fora dele, porque:

a) em ambas, os valores sociais, éticos e morais são irrepreensíveis.

b) a figura afável do diretor de escola equivale à do pai de família.

c) tanto na escola quanto na família a criança se sente "na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico".

d) escola e sociedade completam eficazmente a educação da criança e a preparam para a vida.

e) o internato é um pequeno mundo que reflete a sociedade e seus desequilíbrios.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES.

(Fatec 2003) "Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta." Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo -- a paisagem é a mesma de cada lado beirando a estrada da vida.

Eu tinha onze anos.

Freqüentara como externo, durante alguns meses, uma escola familiar do Caminho Novo, onde algumas senhoras inglesas, sob a direção do pai, distribuíam educação à infância como melhor lhes parecia. Entrava às nove horas, timidamente, ignorando as lições com a maior regularidade, e bocejava até às duas, torcendo-me de insipidez sobre os carcomidos bancos que o colégio comprara, de pinho e usados, lustrosos do contato da malandragem de não sei quantas gerações de

pequenos. Ao meio-dia, davam-nos pão com manteiga. Esta recordação gulosa é o que mais pronunciadamente me ficou dos meses de externato; com a lembrança de alguns companheiros -- um que gostava de fazer rir à aula, espécie interessante de mono louro, arrepiado, vivendo a morder, nas costas da mão esquerda, uma protuberância calosa que tinha; outro adamado, elegante, sempre retirado, que vinha à escola de branco, engomadinho e radioso, fechada a blusa em diagonal do ombro à cinta por botões de madrepérola. Mais ainda: a primeira vez que ouvi certa injúria crespá, um palavrão cercado de terror no estabelecimento, que os artistas denunciavam às mestras por duas iniciais como em monograma.

Lecionou-me depois um professor em domicílio. Apesar deste ensaio da vida escolar a que me sujeitou a família, antes da verdadeira provação, eu estava perfeitamente virgem para as sensações novas da nova fase. O internato! Destacada do conchego placentário da dieta caseira, vinha próximo o momento de se definir a minha individualidade. Amarguei por antecipação o adeus às primeiras alegrias; olhei triste os meus brinquedos, antigos já! os meus queridos pelotões de chumbo! espécie de museu militar de todas as fardas, de todas as bandeiras, escolhida amostra da força dos estados, em proporções de microscópio, que eu fazia formar a combate como uma ameaça tenebrosa ao equilíbrio do mundo; que eu fazia guerrear em desordenado aperto, -- massa tempestuosa das antipatias geográficas, encontro definitivo e ebulição dos seculares ódios de fronteira e de raça, que eu pacificava por fim, com uma facilidade de Providência Divina, intervindo sabiamente, resolvendo as pendências pela concórdia promiscua das caixas de pau. Força era deixar à ferrugem do abandono o elegante vapor da linha circular do lago, no jardim, onde talvez não mais tornasse a perturbar com a palpação das rodas a sonolência morosa dos peixinhos rubros, dourados, argentados, pensativos à sombra dos tinhorões, na transparência adamantina da água...

(Raul Pompéia. "O Ateneu", cap I.)

2. Um recurso estilístico freqüentemente utilizado pelo autor consiste em praticar certas inversões da seqüência mais comum na estrutura da frase (hipérbato).

Assinale a alternativa em que o hipérbato está desfeito, sem, no entanto, representar alteração do sentido da frase original.

a) como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam / como se na mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, o outrora não nos houvesse perseguido e a enfiada das decepções que nos ultrajam não viesse de longe.

b) com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento / com a vantagem única de fazer a impressão rude do primeiro ensinamento mais sensível à criatura.

c) que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental / que o poema dos cuidados maternos parece um artifício sentimental.

d) Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas / A atualidade é a mesma em todas as datas bem consideradas.

e) Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma / A atualidade é uma compensação feita dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças.

3. A crítica especializada já afirmou que o movimento literário realista, ao impregnar-se de uma visão naturalista, acaba por retratar com tons acinzentados as realidades descritas: "É a moral cinzenta do fatalismo que se destila na prosa [...]" e "[...] o autor carrega sempre de tons sombrios o destino de suas personagens", dirá, por exemplo, Alfredo Bosi. No texto de Raul Pompéia, isso fica patente no seguinte trecho:

a) [...] espécie de museu militar de todas as fardas, de todas as bandeiras, escolhida amostra da força dos estados [...], que eu fazia formar a combate como uma ameaça tenebrosa ao equilíbrio do mundo.

b) Eu tinha onze anos. Ao meio-dia, davam-nos pão com manteiga. Lecionou-me depois um professor em domicílio. O internato!

c) Freqüentara como externo, durante alguns meses, uma escola familiar do Caminho Novo, onde algumas senhoras inglesas, sob a direção do pai, distribuíam educação à infância como melhor lhes parecia.

d) Apesar deste ensaio da vida escolar a que me sujeitou a família, antes da verdadeira provação, eu estava perfeitamente virgem para as sensações novas da nova fase.

e) Lembramo-nos [...] dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

4. A leitura do trecho transcrito de "O Ateneu" autoriza afirmar que

- a) a história está centrada num narrador que expõe e analisa, em primeira pessoa e da perspectiva do adulto, as lembranças e percepções de um momento crucial da criança que ele foi: o ingresso no mundo social exterior à família, representado pelo regime de internato no Ateneu.
- b) a gama de ações e situações delineadas no trecho é seu ponto alto, uma vez que é posta em relevo no decorrer dele, por meio de personagens que emergem da narração e assumem de forma direta o discurso e as intervenções na história pessoal do narrador.
- c) o objetivo central do narrador em terceira pessoa é evocar o romance memorialista francês, pois desfia uma série de recordações, deflagradas pela lembrança das palavras de seu pai quando teve de abandonar a redoma da proteção familiar para ingressar no Ateneu.
- d) o autor defende, por meio de suas memórias pessoais, a tese da solidão humana, ao evocar a perda do contato social preliminarmente mantido com sua família, passando a dissertar sobre a dureza da vida nos bancos escolares, em particular no seio dos antigos internatos de seu tempo.
- e) a principal finalidade do trecho é exortar o leitor a participar e recriar, em si mesmo, parte das experiências de vida determinantes da maturação do autor, motivo pelo qual ele investe tamanho esforço em procurar compor momentos descritivos pormenorizados, objetivos e impessoais.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.

(Faap) Durante este período de depressão contemplativa uma coisa apenas magoava-me: não tinha o ar angélico do Ribas, não cantava tão bem como ele. Que faria se morresse, entre os anjos, sem saber cantar?

Ribas, quinze anos, era feio, magro, linfático. Boca sem lábios, de velha carpideira, desenhada em angústia - a súplica feita boca, a prece perene rasgada em beijos sobre dentes; o queixo fugia-lhe pelo rosto, infinitamente, como uma gota de cera pelo fuste de um círio...

Mas, quando, na capela, mãos postas ao peito, de joelhos, voltava os olhos para o

medalhão azul do teto, que sentimento! que doloroso encanto! que piedade! um olhar penetrante, adorador, de enlevo, que subia, que furava o céu como a extrema agulha de um templo gótico!

E depois cantava as orações com a doçura feminina de uma virgem aos pés de Maria, alto, trêmulo, aéreo, como aquele prodígio celeste de garganteio da freira Virgínia em um romance do conselheiro Bastos.

Oh! não ser eu angélico como o Ribas! Lembro-me bem de o ver ao banho: tinha as omoplatas magras para fora, como duas asas!

(O ATENEU. Raul Pompéia)

5. Dos comentários que se fazem de "O ATENEU" assinale o falso:

- a) misto de ficção e memória, pendente entre diário e romance, gira em torno das experiências sofridas por um menino ingênuo no internato de Aristarco Argolo de Ramos.
- b) sem haver propriamente um enredo, mas justaposição de quadros, vão desfilando diante de nós as personagens e situações de um colégio em que a hipocrisia esconde toda gama de baixeza.
- c) Diretor e senhora (d^o Ema), professores e estudantes, todos vivem numa atmosfera saturada e postiça forjada pela vaidade de Aristarco.
- d) a sucessão de flagrantes impressionistas termina com o incêndio do colégio, ateadado pelo estudante Américo.
- e) O Ateneu distingue-se na história de nossa ficção por uma série de aspectos originais, entre eles, o realismo exterior tal qual o de Aluísio Azevedo em "O CORTIÇO".

6. O ATENEU traz por subtítulo a expressão "Crônica de Saudades" e foi publicado pela primeira vez no Rio de Janeiro na mesma década em que:

- a) Gonçalves de Magalhães inaugura o romantismo com o livro "Suspiros Poéticos e Saudades"
- b) Machado de Assis publicou "Memórias Póstumas de Brás Cubas"
- c) Euclides da Cunha publica "Os Sertões"
- d) se realiza a Semana da Arte Moderna em São Paulo
- e) Guimarães Rosa publica "Grande Sertão: Veredas"

7. (Fuvest) Assinalar a afirmação correta a respeito de O Ateneu, romance de Raul Pompéia:

- a) romance de formação que avalia a experiência colegial, por meio de Sérgio, alter-ego do autor.
- b) romance romântico que explora as relações pessoais de adolescentes no colégio, acenando para o homossexualismo latente.
- c) romance naturalista que retrata a tirania do diretor do colégio e o maternalismo de sua mulher para com os alunos.
- d) romance realista que apresenta um padrão de excelência da escola brasileira do final do império.
- e) romance da escola do Brasil no final do império, cuja falência vem assinalada pelo incêndio do prédio, no final da narrativa.

8. (Ufmg) No romance O ATENEU, de Raul Pompéia, o personagem Aristarco, que apresenta um "vaivém de atitudes", é visto como portador de uma "individualidade dupla". Todas as alternativas contêm trechos do romance em que Aristarco passa de uma atitude a outra, EXCETO

- a) "Quando meu pai entrou comigo havia no semblante de Aristarco uma pontinha de aborrecimento. (...) Mas a sombra de despeito apagou-se logo, como o resto de túnica que apenas tarda a sumir-se numa mutação à vista; e foi com uma explosão de contentamento que o diretor nos acolheu."
- b) "Aristarco, que consagrava as manhãs ao governo financeiro do colégio, conferia, analisava os assentamentos do guarda-livros. De momento a momento entravam alunos. Alguns acompanhados. A cada entrada, o diretor lentamente fechava o livro comercial, (...) oferecendo episcopalmente a mão peluda ao beijo contrito e filial dos meninos."
- c) "(...) viam-no [Aristarco] formidável, com o perfil leonino rugir (...) sobre outro [aluno] que tinha limo nos joelhos de haver lutado em lugar úmido, gastando tal veemência no ralho, que chegava a ser carinhoso."
- d) "A cadeira girava de novo à posição primitiva; o livro da escrituração espalmava outra vez as páginas enormes; e a figura paternal do educador desmanchava-se volvendo a simplificar-se na esperteza atenta e seca do gerente."

9. (Ufmg) Todas as alternativas apresentam afirmações corretas sobre o narrador do romance O ATENEU, EXCETO

- a) O narrador entremeia à narrativa dos acontecimentos da vida escolar as suas opiniões.
- b) O narrador dá mais ênfase aos fatos sociais do que aos da sua experiência pessoal.
- c) O narrador estrutura o enredo, revelando a

existência de etapas no processo de formação de sua personalidade.

- d) O narrador apresenta as relações entre os personagens de modo a desnudar alguns aspectos ocultos dessas relações.

10. (Ufrs) " 'Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.' Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada de decepções que nos ultrajam." Assinale a alternativa correta.

- a) Trata-se da narrativa de uma situação de autoritarismo em que o pai se considera proprietário do destino de seu filho, Sérgio.
- b) Trata-se de um dos capítulos do romance O ATENEU, valorizado pela crítica por seus aspectos realistas e regionais.
- c) O texto corresponde à abertura do romance de Raul Pompéia, também chamado de "crônica de saudades".
- d) A narrativa em terceira pessoa revela uma série de emoções e percepções que oscilam entre o tempo presente e acontecimentos passados.
- e) O texto inaugura a narração de uma série de peripécias típicas dos internatos do século XIX, que tinham a missão de formar bons caracteres para a vida militar.

11. (Ita 2000) Sobre O ATENEU, de Raul Pompéia, NÃO se pode afirmar que:

- a) o colégio Ateneu reflete o modelo educacional da época, bem como os valores da sociedade da época.
- b) o romance é narrado num tom intimista, em terceira pessoa.
- c) a narrativa expressa um tom de ironia e ressentimento.
- d) as pessoas são descritas, muitas vezes, de forma caricatural.
- e) são comuns comparações entre pessoas e animais.

12. (Ufsm 2002) Considere as afirmativas sobre "O Ateneu" de Raul Pompéia:

- I. Moleque Ricardo, a personagem principal, conta aventuras vividas na escola.
- II. A trama é composta por situações e experiências relatadas por um narrador de primeira pessoa.
- III. A narrativa é caracterizada pelos recortes caricaturais de personagens e pela riqueza plástica das descrições.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e II.
- d) apenas I e III.
- e) apenas II e III.

13. (Ufrs 2004) Leia as afirmações abaixo sobre o romance "O Ateneu", de Raul Pompéia.

I - Sérgio, em seu relato memorialista, revela a outra face da fachada moralista e virtuosa que circundava o Ateneu, a face em que se incluem a corrupção, o interesse econômico, a bajulação, as intrigas e a homossexualidade entre os adolescentes.

II - A narrativa, ainda que feita na primeira pessoa, evita o comentário subjetivo e as impressões individuais, uma vez que o narrador adota uma postura rigorosa, condizente com o cientificismo da época.

III - Através da figura do Dr. Aristarco, diretor do colégio, com sua retórica pomposa e vazia, Raul Pompéia critica o sistema educacional da época e a hipocrisia da sociedade.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

14. (Espm 2005) Observe o texto:

(...) Aristarco todo era um anúncio. (...) o olhar fulgurante sob a cristação áspera dos supercílios de monstro japonês, penetrando de luz as almas circunstantes - era a educação da inteligência; o queixo severamente escanhado, de orelha a orelha, lembrava a lisura das consciências limpas - era a educação moral. A

própria estatura, na imobilidade do gesto, na mudez do vulto, a simples estatura dizia dele: aqui está um grande homem... não vêem os côvados de Golias?!...

Raul Pompéia. "O Ateneu"

O fragmento pertence à obra publicada em 1888, época em que se desenvolviam no Brasil o Realismo e o Naturalismo, na prosa. Considerando os períodos literários e o excerto em questão, assinale o que não está de acordo:

- a) A linguagem acadêmica é utilizada por vários autores da época como Raul Pompéia, incluindo-se aí Machado de Assis.
- b) As impressões subjetivas sobre a personagem condizem com o princípio de registrar as personagens e o ambiente a partir do que é percebido pelos sentidos.
- c) A caricaturização (ou deformação) da personagem evidenciada pelos traços exagerados faz do autor um vanguardista do Expressionismo.
- d) As comparações feitas à personagem são traços da tendência irônica que se opõe à idealização romântica.
- e) O foco narrativo de 1ª pessoa, abjurado pelo Realismo/Naturalismo, não está evidente no trecho.

15. (Ufsc 2008) Assinale a(s) proposição(ões) CORRETA(S) com relação às obras "Menino de engenho", de José Lins do Rego e "O Ateneu", de Raul Pompéia.

(01) Em "Menino de engenho", o autor retrata a infância de Carlinhos, cuja mãe é morta pelo pai. A partir de tal episódio, o garoto é levado ao engenho do avô, onde convive com muitas mulheres, entre elas Tia Maria e Sinhazinha.

(02) Sérgio, em "O Ateneu", e Carlinhos, em "Menino de engenho", são personagens que, em primeira pessoa, contam suas experiências que envolvem também as primeiras descobertas a respeito do mundo dos adultos.

(04) O menino Carlinhos, embora também ingresse num internato, considera-se mais experiente que Sérgio, pois já era, segundo ele próprio, um "menino perdido".

(08) Pode-se afirmar que há uma diferença básica entre Sérgio e Carlinhos. Enquanto o primeiro, por viver em um meio urbano, já era conhecedor da vida, o segundo conservava a inocência de um menino criado na roça.

(16) Carlinhos, em "Menino de engenho", tinha o afeto, o carinho e a proteção de Tia Maria, um anjo, segundo ele. Da mesma forma, Sérgio, em

"O Ateneu", tinha o carinho de D. Ema.

(32) Em "O Ateneu", Aristarco é o narrador da história. Ele conta as peripécias de um grupo de jovens educados nos moldes tradicionais em um internato, longe das camadas sociais inferiores, nas quais reinam a maldade, a violência e o crime.

(64) As obras "Menino de engenho" e "O Ateneu" apresentam em comum, entre outros, os fatos de pertencerem ao mesmo período literário, retratarem o mesmo período histórico, priorizarem a análise psicológica das personagens e serem narrados em terceira pessoa.

16. (Unicamp) No capítulo VII de O ATENEU, ao descrever a exposição de quadros dos alunos do colégio, o narrador assim se refere aos sentimentos de Aristarco:

"Não obstante, Aristarco se sentia lisonjeado pela intenção. Parecia-lhe ter na face a coceguinha sutil do creion passando, brincando na ruga mole da pálpebra, dos pés-de-galinha, cortando a concha da orelha, calcando a comissura dos lábios, entrevista na franja pelas dobras oblíquas da pele do nariz, varejando a pituitária, extorquindo um espirro agradável e desopilante."

- A que intenção se refere o narrador?
- Quais características de Aristarco estão sugeridas neste comentário do narrador?
- Lendo esta descrição você considera que o narrador compartilha dos mesmos sentimentos de Aristarco? Justifique.

GABARITO

- | | | |
|--------|---------|---------------------------|
| 1. [E] | 6. [B] | 11. [B] |
| 2. [C] | 7. [A] | 12. [E] |
| 3. [E] | 8. [C] | 13. [C] |
| 4. [A] | 9. [B] | 14. [E] |
| 5. [E] | 10. [C] | 15. $1 + 2 + 4 + 16 = 23$ |

16. a) A vaidade lisonjeira de ver grafado seu próprio rosto.

b) A vaidade, o engodo, o orgulho e a felicidade de ser o diretor do Ateneu.

c) Não, Sérgio, o narrador, ironiza os sentimentos de Aristarco, pois através do diretor satiriza seu próprio pai e a sociedade em que vive.